

## O CONCILIADOR



## PIAUIYENSE.

—Publica-se 1 vez por semana na Typ. INDEPENDENTE  
Subscreve-se a 100 rs. por anno 600 rs. por semestre 300  
por trimestre—pagos adelantados—Numero avulso 340  
reis os Srs. assignantes lerão 30 linhas gratis, e as mais  
que exceder a 80 reis cada uma.

Quando os homens se unem para uma causa justa para  
fazer o bem, qualquer que seja o resultado de sua  
luta baseada sobre a justiça, sobre o direito, e sobre  
a honra, ella sobre tudo a derrota, e tira do proprio  
decastro—novo espiendor nova solidex. (L. Palmetton)

## CONCILIADOR PIAUIYENSE.

Theresina 25 de Novembro de 1857.

A redacção do Conciliador Piauiyense,  
e o sr. José Martins F. de Alencastre.

Inda quando algumas pessoas fidedignas nos não ouvessem a severado, que as correspondencias de 12 de Agosto, e 9 de Setembro p p impressas no jornal do Commercio numero 267 e 277 são obra do Sr. Alencastre, bastava vir nella as os caracteres do ingrato, e do traidor para que firmasse nos a nossa convicção. Isto posto, vamos responder directamete a esse fingido correspondente que teve a triste lembrança de ligar-se a si mesmo, depois de aver maltratado ate a aquelles de quem a qui se desta amigo, e que forão seus verdadeiros protiores.

A nossa resposta porem, se lemitará apenas a cerca d'aquelles periodos em que a calunnia, e a mentira a lardiou se descomedidamente, por que o restante d'ellas ou são ouzras que nem uma resposta merecem, ou algumas verdades que por descuido naturalmente forão nella, incluídas. A ingratidão é a porta por onde sahem a queles, a quem o reconhecimento imbarça.—

O sr. Alencastre chegou ao Piahy no estado em que já foi demonstrado em um jornal da Provincia, que elle nunca contestou, por que então era apenas conhecido pelo—busca vida—as atensões que alguns dos amigos do ex Presidente do Piahy, o actual Ministro da Marinha, tiveram com o Sr. Alencastre por consideração a s. Etc., foi a causa da pequena estima que aqui gozou, e como hoje se supõe já muito elevado, e não tem mais como unico recurso de sua vida os cofres Provinciees, joga a lama a cara d'aquelles mesmos que em seu proveito, fizerão saber dos Cofres da Provincia, alguns contos de reis, que podião ser applicados a necessidades reais, ou a cousas mais uteis, para a mesma Provincia. Como p rem a inclinação da maioria dos homens dá mais para dizer o mal que o bem, advertimos apenas aos leitores que só o de nascido a ser proprio do sr. Alencastre lhes explicará este misterioso escandal: entre tanto bem sabe o sr. Alencastre que o mentoso he tão despresado, como é com rasão estimada o homem verdafeir.—A inveja, como o sumo do merito alheio, a ócuza avindiciedade do proprio, e o sr. Alencastre quis tirar uma disforra do despreso com que sempre o tratamos, mesmo agora quando aqui and o no seu regresso, fa Corte para pregarmos ainda uma peça ridicula em paga de dois contos de reis que nos arrancou dos cofres da Provincia, levando ainda para suas precisões do regresso quatro centos mil reis de a juda de custa. Não é pois para aqui que escrevemos em resposta ao sr. Alencastre, por que lhe dariamos por demais na ausencia una imp rancia immercida quando na presença nunca fizessem caso de

suas liviandades, e imposturas: He sim, para a Corte, onde elle prevalecendo-se de não serem conhecidas pessoalmente as pessoas quem injustamente maltrata, e calunnia, pode fazer acreditar algumas de suas nojenas calumnias. Por mais que se inculque o sr. Alencastre por um verdadeiro chronicista, ou sincero historiador, por nosso juiz, e de alguns das nossas conhecidos em qualidade de escriptor publico como se proclama, diremos que a sua consciencia é demasiadamente corrupta, para que seu voto possa abalar a d'aquelles que nunca forão buscar fora de sua patria o pão para a barriga, e nem a laa para culcar o fim. Cada um deve contactar-se com o papel que o destino lhe reservou para o theatro mundano em que representamos successivamente os papeis, que o mesmo destino nos incumbio.—Tinha embora o Sr. Alencastre a presumpção de ser tão sabio como Burke, não nós poderá contestar que tem uma imaginação mil vezes mais contraditoria, e pernicioso do que as d'quelle antigo escriptor Elle o men e conseguiu a judado da pena de Rousseau, revolucionar o mundo literato, e moral: o sr. Alencastre nunca hade revolucionar senão a boça de alguns incautos que com elle sociarem em xarquiadas, ou lhe incumbir algum trabalho typographico como nos informo que aconteceu com o Mercantil da Corte.—

Desde os infelizes tempos em que homens do quilate do Sr. Alencastre por infelidade dos Piauiyenses poderão mais ou menos influir nos negocios politico da Provincia, ja mais aluta politica deixou de existir na Provincia, e sempre que ella amoretia para ser substituida pela vil intriga que em suas correspondencias menciona, foi sempre a elle, e a outros a venturoiros de iguaes sentimentos a quem isso se deveu, porque os Piauiyenses são por natureza pacificos, e demasiadamente cavalheiros para fazerem della os seus elementos s. cras. A qui não ha opposição liberal, nem conservador. Ate hoje ambas as parcialidades sustentão a administração do Sr. Dr. Junqueira: e se alguma ha que injustamente tenha querido ferir a administração da Provincia comessa sonhada opposição aquelles poucos da intimidade do sr. Alencastre José de Barros Mello, he um Piauiyense que já fez alguma figura na Provincia, e pertence a una familia de quem nos honramos de ser amigo.—

Alguns erros de sua vida, ajudado das terribes perseguições dos particulares amigos do sr. Alencastre o atirarão em um carcere, depois de o averem roubado a vida, e bens do seu finado irmão o Padre Ignacio, não vem escarnir do partido liberal conciliador, considerando-o como um dos directores do partido, e da redacção do conciliador, porque bem sabe o sr. Alencastre que se tiveramos uma magistratura severa, elle poderia tambem estar da cadeia da Theresina escrevendo as suas chronicas para o jornal

do Commercio, visto como a sua conducta relativamente as suas tratadas, ou contracto com os c. lhos da Provincia a cerca do insino primario pelo metodo Castilho, dava para um processo vastissimo fundamento.

O jornal Conciliador em que escrevem os não como sabio, porque esse dom só cabe a o sr. Alencastre, e para es poucos escholados dá fortuna, porem pela necessidade de fazer algum servico a Provincia quando he ra espiada pelo seu amigo Catanho, que por bom deos, por lá o conserve com sua senhoria, não deixou ainda de sustentar as idéas da conciliação, e da concordia que sinceramente abraçou: e se com es artigos da redacção o sr. Alencastre quer nivelar es communicados diversos que ou a despeito, ou a necessidade de defeza se imprimem por pedido dos assignantes, não lhe robamos a gloria de tudo alisar, e por a seu goito, visto como os matantes esterião particularmente os meios de chegar a seus fins.— O Sr. Pestana pouco tem escripto para o conciliador; e oxala quisesse elle a judar nos nessa pesada tarefa constantemente, porque o menos que resultaria em beneficio do sr. Alencastre, e de outros que querem fazer do Piahy seu feudo, era tornalos menos insolentes e mais respeitadores dos sagrados d. veres que contraem pela generosa hospitalidade que recebem; e se a imprensa foi algum dia prostituida no Piahy, foi quando o sr. Alencastre a qui fez os seus ensaios, para hoje alardar de escriptor, e de chronicista. Pergunta-nos o sr. Alencastre, o que fez o sr. Catanho nos tres mezes de sua administração? Oh! isto é muita insolencia, muita ousadia!

Responde-mo-lhes apenas, que—fêz tudo quanto o proprio Satanás poderim fazer.—

Coube ao sr. Alencastre a gloria de elogiar os seus bellos feitos? P porque não. Nêjamo elogiava a Tiberio, Nero teve tambem aduladores, cujo papel por certo não coube a Sêneca, que por ser seu verdadeiro amigo foi victima de sua ingratidão, e de sua tirania. Ha pena que o sr. Alencastre não podesse receber do sr. Catanho igual recompensa, para que podersemos conhecer se seria tão resguardado como foi o grande filosofo Romano. He bom que o sr. Alencastre conheça que a de tonta Provincial legislou estabundantes, para que estejamos justificado, quando dissemos que mal individualmente, sabião dos cofres da Provincia os contos e reis que derão para sua senhoria hir para a Corte a preder a rasbicar na jornada, e vir ain-la pedir-lhe, em paga da peça Castilheira que nos perguntou e obter, os 4000 para matar a fome no seu regresso, na mesma occasião que mandava para a Corte as suas correspondencias insultuosas a the contra a queles que o protegido. Amá estrella dos Piauiyenses os leva sempre ao errado caminho de alimentar as vibras que lhes roem as entranhas.

As continuas lições que temos recebido de nos forão mais avçados. Que veião

para cá d'ora em diante Hespanhóis, e busca-vida, e outros que lras o quejandos com lagrimas de Crocodilho, para o depois serem casquilhos, e altos funcionarios, que nos os Piahyenses com todo o sacrificio dos proprios resentimentos, e por mais justos que possão ser, nos uniremos como um só homem para pôlos nos a puras em que muitas vezes se via o pobre Saúcho Pança pelas asneiras do cavalheiro da triste figura. Para que rem ainda o sr. Alencastre repetir as calumnias que os inimigos do Inspector da Thesouraria Geral Fernando de Costa Freire inventarão para o perseguir? Será o sr. Alencastre um segó e peritoaz secretario da maxima d'uma das nossas antigas notabilidades politicas, o qual sustentava que a verdade hera mentira, mil vezes repetida?

Não he por certo apenas immunda do sr. Alencastre, que hade discreditar um alto funcionario da Provincia que grandes servicos lhe tem prestado. Se o facto que o sr. Alencastre repete fosse verdadeiro alguns dos proprios parentes, amigos e correligionarios dos q sedesem prejudicados, não terião tomado a defesa do digno Inspector. Questões tão graves como esta não podem ser tratadas levianamente. Quem comprometter os interesses da fazenda, e creou mais essa intriga na Provincia, foi o sr. Catanho, digno herde, do digno chronista do jornal do commercio, e das invenções inventadas para celebrar as suas chronicas. O Sr. Fernando Freire, ainda não precisou de defender-se, por que as injustas arguições que lhe fizeram nunca merecerão outras honras, que não fossem aquellas de que são dignos os seus calumniadores—já u na vez tomamos a defesa do digno Inspector posto q particularm. não recusarmos no caminho molado, por que pensamos deversamente do que o novo romanista das—mil e uma noites—ou antes o poeta Busca-vida.

Não menos injusto foi o Sr. Alencastre com o Major José de Araujo Costa; e nem vemos razão para que queira sua Senhora incutir mais importancia no acto imprudente do Sr. Reimundo Nonato do que na defesa que pela imprensa produziu o Sr. Major José de Araujo.

Incaramos a inda hoje esta questão, como incaramos anteriormente.

O Sr. Nonato é um inimigo d-spitado, mas não obstante a maneira audáz com que procedeu, ne hum éco encontrou para ajudalo no empenho de convencer ao publico, de que o Sr. Major José de Araujo, era um criminoso.—Entretemos relações de amizade com hum, e com outro; temos combatido os excessos que se tem dado, urruindos por essas, e outras vinganças que se vão dando na Provincia; mas entretanto ha mister dar a Deus, o que he de Deus, ea Cezar, o que é de Cezar. Aprobidade pode enganar, e reconhecer seus erros; mas nunca tem condescendências nem docilidade de mais e segundo occorrecias que a qui se derão, e das quaes teve o Sr. Alencastre noticia, bem pode sua Senhora ajuizar de nossa sensibilidade.

O que é que chama o Sr. Alencastre a anarchia do grupo liberal conciliador? As tolpeas de méia dusta de cabeças es queantadas com cujas asneiras não podemos concordar em uma questão de honra; e com a qual nada tem que se entender a politica? Qual a confaria que se repelle? a parcialidade liberal conciliadora? Não: A maioria desta parcialidade nos trata com a mesma estima que sempre nos tratou; e da parcialidade saquarema, ou conservadora, só não temos a misade e boas relações com a quelles, de quem antigos odios nos obriga a viver separado ou de méia dusta de cavalheiros de in-

dustria como o Sr. Alencastre, nos quaes desprezamos inteiramente. Da maioria dos homens de bem de uma, e outra parcialidade temos as mais amplas do monstrações de veneração, e estima; Apellamos para uns e outros.

Parcecos que o partido liberal conciliador não tem exigido de S. Ex. a te hoje grandes favores—, e que não lhe pede mais que reparações de injusticias soffridas.

Quanto ao que dis respeito a nossa umilde individualidade, a pellamos para o testemunho de S. Ex. Frequentamos o seu Palacio; a póiamos sua a dministração por que sympathisamos com seu procedimento em qualidade de cidadão, e pela boa direção dos negocios publicos, que lhe estão a cargo como Presidente da provincia.— Não lhe temos pedido favor algum, e nem estamos na dependencia de sua influencia a dministrativa.—O Sr. Alencastre sabe disso. De sua authority temos a pedas algumas vèzes perdido justiça para algumas migos nossos presseguidos por autoridades arbitrarías;—e nem me consta mesmo que S. Ex. praticasse a favor do partido liberal conciliador alguns actos de importancia, excepto a reintegração do emprego de thesoureiro ao Capitão José Pereira Nunes—que tinha sidó injustamente do mettido, visto como nós sempre entendemos esse acto como de justiça atentas as causas, de sua demissão, e não podia, já mais entrar, na ordem de favor—feito ao nosso a migos.

Qual a confaria pois que nos repelle no Piahy?

O Sr. Alencastre por certo esteve sempre nesta Provincia limitado a hum pequeno circulo, ou fin-se que escreveu para a corte onde tudo pode ser a ceito por falta de melhores informações, ou desapercebido pelas grandes causas que chamáo as a tteuções para assumptos mais serios; nos porem escreve u s na provincia, e não temos com hesitação. Tanto na parcialidade conciliadora progressista ou liberal como na Saquarema ou conservadora, temos alguns desafectos, por que para o não termos seria mister fazer na sociedade figura mais mediocre de que a do Sr. Alencastre, porem temos em ambas as parcialidades a maioria dos homens sensatos, eo póvo que nos apoia e estima. Estamos satisfeitos com nossa umilde posição.

L. L. C. B. S.

**A imprensa jornalística é o grande orgão da opinião publica; a sua força está na sua moralidade.**

Não é sem muito haver considerado em suas consequencias que o nosso legislador constitucional consignou a liberdade da imprensa, determinando no art. 179 § 4 que todos podem comunicar os seus pensamentos por palavras, escriptos, e publicos pela imprensa, sem dependencia de censura, com tanto que houvessem de responder pelos abusos que commettessem no exercicio deste direito, nos casos e pela forma que a lei determinasse. E, que a livre manifestação do pensamento é a condição essencial do governo representativo onde a lei é a vontade, não de um homem e sim da nação representada pela sua maioria; é que sem a livre manifestação do pensamento em um governo representativo nem os poderes do Estado podem bem desempenhar a sua missão, nem principalmente, o poder moderador, pode bem informado do estado das cousas, no paiz, dirigir o temo nacional de modo a conduzir a não do Estado ao melhor porto de seus destinos.

A grande lei da salvaguarda publica relativamente ao poder e a responsabilidade dos agentes da autoridade publica; e por isso o nosso código penal declarou não crimina aos os que censurassem os actos do governo e da publica administração em termos posto que vigorosos, decentes e comedidos.

Assim é força reconhecer que no Brasil a liberdade da imprensa é o direito commun na phrase de Dupin, e que as restrições, as compressões, as penalidades são outras tantas excepções que, por sua natureza, não são susceptíveis de extensão.

Compreende porém todo o partido que quer viver constitucionalmente, todo o partido que reage contra os governos despoliticos e arbitraríos, quanto é de seu interesse, quanto é de sua immediata e principal conveniencia que a imprensa se conserte na altura de sua missão, para que possa ser considerada como orgão poderoso da opinião publica. Todos o desvio da imprensa é para o paiz, e para os principios constitucionaes e para as justificações lras um mal profundo. A imprensa, bem dirigida é a salva guarda das liberdades publicas, a imprensa mal dirigida é o seu mais terrivel compromettimento. A imprensa dá vida ou mata conforme o bom ou máo uso que della se faz, e é uma arma, cujo abuso é tão perigoso, que um governo reactor serve-se della nas mãos dos que mais seus adversarios se dizem.

Dahi resulta que os partidos populares, os partidos democraticos, são aquellos que mais interesse tem na moralidade da imprensa. O povo que se faz representar na opinião publica por um orgão mentiroso, calumniador, injuriador, obsceno, desse cada dia na escala da força moral e da ganho da causa aos adversarios, aos homens da reacção, aos inimigos de toda a liberdade, aos descreditaadores do governo representativo.

Ora a moralidade da imprensa ou se refere ao seu fundo ou forma. Quanto ao fundo, assenta ella na verdade dos factos, e na verdade da doutrina; a verdade tem uma universalidade tal que onde ella se manifesta cedo ou tarde vence e rende seus adversarios, pode a mentira oppor-lhe obstaculos, crear uma luta mais ou menos longa, mas tem por fim de ceder. Seja pois a imprensa jornalística verdadeira, sempre verdadeira, quer em relação aos factos, quer em relação a doutrinas, e o seu triumpho será infallivel. Quanto a forma, cumpre que seja attentissima de toda a expressão obscena, mal sonante, injuriosa; se a indelicadeza da expressão não pode suportar-se nas reuniões particulares, como se poderá ella soffrer na imprensa pela qual se falla perante a nação inteira? E o que é a nação inteira senão o que ha de mais importante, de mais nobre; de mais magestoso? O que é a nação senão a sociedade de todos os sabios, de todos os homens virtuosos, de todos os homens eminentes, de todas as mulheres de educação apurada e de costumbres irreprehensíveis; e como perante tão illustre e tão importante companhia se falta ao decora, e as mais restrictas conveniências, alardiando-se de selvagem? Se he p us lugar onde se derão guardar todas as regras de forma, é certamente a imprensa.

facto contra que se embata a democracia é o privilegio, é o prejuizo; a não ser pelo grande principio do merito—talento e as virtudes? E se a imprensa deixar de representar o talento e as virtudes, não é evidente que serve antes a causa do privilegio, do prejuizo, do que á causa da democracia? Certamente; e só o desconhecera aquelle que de proposito quiser fazer-se cego.

Temos nós sido accusados de infringir a grande lei da moralidade da imprensa; en-

tratao, causa extraordinaria / somos nós que a temos defendido... O Liberal Pernambucano se ha mantido em seu ponto de honra e atravessado o tempo da borrasca como uma rocha...

nossa expressão nada teve nunca de indecorosa, impetuosa ou catimosa para combater o erro e a immoralidade paralisados na provincia... Em fim cumpre confessar e reconhecer que— a imprensa punitivista e o grande orgão da opinião publica; e que a sua força esta na sua moralidade.

(Do Liberal Pernambucano.)

Correspondencia de Valença.

5 de Novembro de 57.

Estamos na epoca em que todos querem escrever para o publico, e a propria cada um pretende ser mais notado.

Não se procura saber se se sabe escrever em estylo de agradar, o que convem é que os factos cheguem ao conhecimento do governo com a rapidez do telegrapho... Consta a qui que o celeberrimo sachristão Elisbão, sub-delegado hoje nesta villa representara ao Sr. Chefe de Policia contra o Affres Attayde, que aqui aliás se portou optimamente, comprindo com disvello suas obrigações...

Consta a qui que o celeberrimo sachristão Elisbão, sub-delegado hoje nesta villa representara ao Sr. Chefe de Policia contra o Affres Attayde, que aqui aliás se portou optimamente, comprindo com disvello suas obrigações... Sabe agora porque, o Affres Attayde não agradou a essa sucia de marreões... Dou-se aqui officio de haver Antonio Bento

denunciado ter o Cap. Faustino morto em a quite ao seu escravo de nome José, offerecendo ao Promotor Publico Dr. Pinês, testemunhas que sabião desse facto de solena certa; mas o Dr. que queria faver a Faustino, mantou chamar as testemunhas que este apontou, e o processo se organizou em um dia, e uma noite, e foi o homem absolvido ou ficou impudicamente a denunciado que causou aqui immensa sensação a que, o Affres Attayde por sua parte não podia ser indifferente, deu origem a que Elisbão em lugar de reconhecer que a policia tinha prevaricado, procedeu pelo contrario a culmiar a quem a sinistra per seus mãos feitos l. Elisbão como sachristão entre muitas coisas, que fez nesse tempo gostá ainda a minoria de todos o desenterramento que fez dos restos mortaes do fuzil Coronel Ramundo Pereira da Silva, por amor de uma feitura de praça que tinha o caixão e outras cousas que convinha a sua avereza delles a possar-se, e que com outras trafficacoes de sua ordem, augmentou o capital com que pôs essa feitura, que auxiliada com o que compra creditado, o abelita a gabar-se de rico negociante;— quanto a sua conduta moral, era tal q' ainda bem poucos tempos o Tenente Coronel Candido de Sousa Martins, como delegado de Valença, o mandou recrutar, e o teve de pés no tronco mais de quinze dias. Por certo que se o Sr. Elisbão fosse de saos principios e essa not. beldade que se inculca, o Sr. Candido Martins não se atreveria a tanto.

Este Sr. Elisbão está tam grande na sua obtelegacia, que só por que um tal João Porteiro, não lhe troux o chapéo, o mandou esbofardar, e metter na cadeia l. Elisbão o que são os empregados de policia de Valença. Eis ahí por que era impossivel a gratiar-lhe o Affres Attayde que não podia, e não devia conciliar com essas prevaricações do subdelegado Elisbão.

Sabia mais que a sucia destes marreões, não peido testemunhas para jurarem mentiras estandelosas contra o nosso amigo cap. Liberato Leite Pereira sobre negocios de fuga do Sampaio, e livramento do Barradas, no que oprocurio tambem comprometter— Miseravés que não sabem em que rascada se estão metendo, visto que tinham melhor que eu, sabe, como isso se passou, e dos documentos que a respeito a muito se achou em seu poder—

Eu só para ver esta sucia de impostores d'uma vés desmascarados, só para de uma vés formar um juizo seguro da honradés, e imparcialidade—do dr. José Luis, tão apregoadá ate nas columnas do seu jornal, dezejo ver o resultado destes processos, e de muitas outras cousas que estão pendentes de definitivos julgamentos; aguardando tam bem o resultado da correição que elle deve abrir depois do jury, a ver se são cumpridos os providos de seu antecessor Dr. Borges, e de muitas cousas que este no pouco tempo de sua serventia não pôde examinar, e que dá largas mangas para o mais forte de destes que agora se achão á moda mais rigorosa dos nossos piltrinas.

Conta-se por aqui um factio a cerca de um Africano, de um tal Joaquim, e ando a capa deste petisco que não é mauzinho, a logo que tenha isso por bem a veriguado, communicar-lhe—em muitas outras cousas que deixo de fazer agora por estar esta já muito extensa, e eu estar ainda a espera da verificação das muitas promessas que d'ahi se nos tem feito, do que os negocios publicos desta nossa pobre terra bade milhorar.—

O Guacimim

O que é da União? Que fim levarão o País, o Contemporâneo, e outras tentativas? D-sapparecerão; porque ou cairão na immoralidade, ou nella nascerão. Urganamente baldos de orgão na opinião publica os homens so privilegio na provincia arrebanhão tudo quanto nos pôde fazer derrubar, e nos dirigem seus tiros das columnas do Diario de Pernambuco sempre prompto a accenar contra nós toda o especie de insultos, de diatribes, de calumnias; e de injurias. Não ha dia em que o Liber l Pernambucano não seja victimas das mais insuluosas offensas no Diario de Pernambuco, e todavia todos os nossos leitores veem que a nossa resposta ha sido sempre digna, e de accordo com o nosso decoro e com as leis do paiz.

Qual tem sido o segredo de nossa existencia? A nossa moralidade

No meio do oitavo seculo ao que appareceu o Liberal Pernambucano não era possível levar as cousas ao seu devido lugar sem incorrer na chofra de deus e no despeito de outros. Todos quantos vivião da condição anormal em que estava a provincia, bradavao contra o Liberal Pernambucano, e o seu despeito ha cr sido a proporção que a ordem constitucional se tem ido asentando. Os homens do privilegio bratarão contra nós; os homens das exagerações bradarão contra nós; absolutistas e republicos, aristocratas e dependentes, bradarão contra nós; mas a maioria da provincia, os homens sensatos, os homens do governo representativo, os monarchistas constitucioneiros, os homens amigos da lei, e da ordem, não da ordem sophismada mas da verdadeira ordem q' resulta do seu consorcio com a liberdade; estes tem saudado o Liberal e o tem apoiado, e o tem sustentado. Estes tem visto e veem no Liberal Pernambucano um sustentaculo de nossas instituições, de nossos direitos. A missão do Liberal Pernambucano, partindo de um ponto onde tudo era confusão, foi discriminar, os homens e as cousas para q' e a forma de governo que tão felizmente nos rego sobreschissse dentre as sombras com que procuravão obscurecer-la os inimigos encarnicados della.

Hoje o nosso triumpho ha sido o mais completo, todos os nossos principios, remollos visto accenidos e proclamados pelo governo. E' que em favor dellas estavam a verdade, a razão, e a justiça. E' que a forma de

(\*) Não bem o conciliador pecou por ahí—

(\*) Liberdade e ordem é nossa bandeira.



# SUPLEMENTO

AO CONCILIADOR PIAUHYENSE NUMERO 25.

ANNO 1.

Quarta-feira 2 de Dezembro de 1857.

NUM. 25

2 de Dezembro de 1857.

Este grandioso dia que todos os annos se reproduz, cada vez mais lisonjeiro, e festivo; dia verdadeiramente nacional, e natalicio de S. M. I., o Sr. D. Pedro 2.º Principe Brasileiro, e nosso Imperador Constitucional e defensor perpetuo; raiz no fundante anno de 1857 de haizo das mais lisonjeiras esperanças para a Nação que em sua grande aioria a abraça, e sustenta a sabio, e prudente politica da concórdia, e da Conciliação. Defeito, tempo é já de atibar em esse envernado odio, que sobre todo, a nove annos se tem reciprocamente votado entre os liberaes e saquaremas, progressistas e conservadores! Tempo é de passar um véo do eterno esquecimento sobre os factos motivos dessa rancorosa odiosidade.—De que serve, ou de que tem servido esse jogo continuo de violencias e sarcasmos, que uns a es outros se arremeeo os sectorios dos dous partidos politicos do do Imperio, e precisamente desta infeliz Provincia, nossa Patria Natal! Que bem resulta, ou tem resultado, particular ou publico, de invecivar nos todos os dias, revolvendo antigos rancores, que o tempo podera já ter amortecido, se não de logo extinto? Oh! Brasileiros, Oh! Piauhyenses, é tempo de um grande, e nobre sacrificio—em! Fazemo-lo.

O nosso benigno Monarcha, disse a Nação inteira: Não somos brasileiros? unamomos pois, paremos com o tenebroso carro das reacções; o meu governo promoverá a politica da concórdia, e da conciliação, e eu ay communa dos meus poros, e seu defensor perpetuo, conforme a Constituição do Imperio o librei para vos como meus patrios, como verdadeiros, e fiéis amigos do throno. Não conheço absolutistas, nem retrogados nem republicanos ne-niustias, nem saquaremas, nem liberaes, só vejo brasileiros, só vejo amigos do Monarcha Constitucional Representativa.

Esta constituição é obra vossa; se a não deste pela Constituinte aceita-bis, e amantivestes: Ella não devidiu o Brasil em dous povos inimigos, e eu não posso ser senão vossa Monarcha nos termos da mesma Carta Constitucional—e por tanto é preciso lerê nas instituições que della emanarao, e perço unirmo-nos para comprehensão, e commum a ceñho cuidarmos nas verdadeiras reformas que as circunstancias exigem, e a mesma Constituição declara.

Ceja o throno de prestigio Nacional, e eu afrente da Nação marcharei de accordo com ella, ou com sua grande maioria para fazer a nossa commum felicidade.—E nós os brasileiros; nós especialmente os Piauhyenses, aquelles a quem estas sabias, e patrioticas palavras toda não poderão hoje commover, não devemos perder o insão de—no grandioso dia 2 de Dezembro dizemos em um só corpo; em um só brado: Se venseu em fim a razão publica nos ex-

prizes individuaes; venseu a vossa patriótica determinação aos preconceitos, ao egoismo, e as conveniencias mal entendidas.

No dia do vosso anniversario, aqui nos apresentamos todos, a sacrificar no altar da Patria nossas exageradas pretensões, para abraçar-nos como irmãos, e para obdeservos como Pax commum dos brasileiros, e em uma só voz brademos: Viva A politica da Concórdia, e da Conciliação! Viva o dia 2 de Dezembro! Viva S. M. o Sr. D. Pedro Segundo—Imperador Constitucional e defensor perpetuo do Brasil—!

## Considerações sobre os partidos

—CONCLUSÃO—

Continuação do n. 24.

A idea da conciliação, e concórdia corre de boca em boca, e o povo a não repelle em sua grande maioria. A idea de concórdia veio de cima, foi a monarcha que mandou aos seus Ministros propaga-la, por que quer paz de seu povo.—Se considerarmos por epulose a combente pital do Sr. Navarro de Andara, que a soberania existe na pessoa do Imperante; sendo elle, que apresenta a idea de concórdia, se amaria do povo a abraça, não a objectos lidas a fazes-se, por que macho de accordo o Imperante, e o povo; Se porem como diz Duclere, e outros, e segundo o espirito de nossa Constituição, são cousas distintas o poder do soberano, e a soberania Nacional, ou a Nação que é o povo.—Se o povo, e o Monarcha, querem entrelanto a concórdia, e a conciliação, a mesma uniformidade de pensamentos, de toda forza, appropagação da idea, e neste caso a minoria que arepelle he forçada ao bofeer ao piniao. Temos pois a aqui, amaxina do Napoleão Bonaparte—O maior numero é sempre quem venseu—A conciliação prevalece e por que o tem.

A esse que a nossa forma de governo é democratica, e popular segundo a mesma constituição. A intervenção do povo na boa marcha do governo, não pode ser contestada. Elle só pode fazer effectivo os seus direitos por via da tribuna e pela imprensa—, una vez constituindo em sociedade—e delegando os seus poderes.

Mas por estes meios legais, e tendo a maioria que apoiou o governo conciliador nos cantaras, e na imprensa, a idea está aceita, e recebida, e embora a pafeca no posição como é natural na nossa forma de governo, este pode marchar desembarcadamente e sairmos do statu quo em que nos deixou o governo passado, e os seus delegados nas Provincias; não podem e nem devem voltar a honroza missão que lhe foi confiada. O Exm. Sr. Doria no Rio Grande do Norte, e outros, um exemplo digno de ser seguido.

prehenheu perfeitamente, e poz em pratica a idea conciliadora.

A conciliação pois não deve constar em deslazer se tudo que estava feito, não seria uma reacção. Deve consistir em servir somente o que é justo, e bom, e fazer o que é prejudicial e incoherente com o systema constitucional representativo.—Alustoria das desgraças dos povos não é, se não a dos erros, e das injustiças de seus chefes—ou do seu governo.

He preciso que a hypocrisia não fassa o povo perder afe, não desacredite a idea da concórdia, não desmoralise o pensamento da conciliação.

Amoral, e a Relegião deve lhe servir de base; amoral he um frêo de bronze que contém a sociedade nos seus limites; e a relegião he a guia mais indubitavel do coração humano.—

O governo, e os povos devem respeitar esse dois sagrados objectos, e fazellos pagar, como principio sustentador da boa sociedade, e garantia do systema conciliador.—Os homens, e os partidos devem esquecer o passado, em tudo a quillo que pode fazer reviver o odio; aprovital-o em tudo que for justo, e honesto, por que a experiencia do passado a julia muito a prececer com a certo nas cousas do futuro. O cumprimento das Leys, é outra condição essencial do progresso e da conciliação, e a tendencia qua f geral da maioria dos Brasileiros. Ao piniao rioge contra os crimes. O poder dos potentados desapareceu.—O systema da intriga que os sustentava deve desaparecer tambem Os homens se devem enlender com toda moderação, sob os verdadeiros interesses da provincia, edevem acordar em tudo que for em conformidade com a idea do progresso, com muita, ou reciproca nomeação das pessoas honestas e instruidas do ambos os partidos para dirigirem os negocios, ou esta nomeação parta do povo, por via de eleição, ou do governo na quillo que lhe está a cargo. O merito, e a intelligencia deve ser buscada onde quer que exista. A moderação deve presidir a todos esses actos da nova politica; só com ella se pode conservar a quillo que o enthusiasmo da nação e a politica do governo, conseguio, e venceu—He preciso que avidade dos homens morra a proporeção que accusa da justiça dobra suas forcas. A modestia é economica; a economia é um dos elementos governativos.

Só o luxo, e o desperdicio dos dinheiros publicos—mantem a discórdia; e embarraca a marcha da conciliação—cada um partido, cada um cidadão deve sacrificar uma parte de suas pretensões ao poder. Elle se espallhará pelas pessoas habel, das para o extorcem ede todos os partidos do imperio—Eis ahi a conciliação, e a permanencia.

O Governo não se sahir da orbe da lei, quer para manter a conciliação—Eis ahi a conciliação, e a permanencia.

O he...

## 2 DE DESEMBRO DE 1857.

ra o qual conveja os esforços de todos os partidos, e de todos os Cidadãos, e a conciliação se achará desde logo mantida, e a-executa por todos—

Se o governo continua auidé e dominado; se o interesse particular con tinua a ser a base de todos os negocios, a conciliação desaparecerá, as lutas politicas re- virão, por que a natureza humana é de- ficil de contentar, quando marcha por essa vereda tortuosa, e prejudicial, como nos- tem mostrado o exemplo do passado—

A confiança nos homens, e nas institu- ições, é outra condição essencial na poli- tica conciliadora—Para o brigarmos a os ou- tros a se confiarem em nós, é necessario e lhes parça que nos confiarmos nelles—

A dis- confiança reciproca nos homens,

e nos partidos, uns para com os outros im- becerão a a ordem nos meios do progresso e da conciliação— Devemos ter consciencia dos nossos actos— Ella deve ser a estrella pular das nossas acções, e tudo será fa- cil d'hi em diante sempre que o povo Ro- mano se opunha o tyranhia dos patricios com rasão, e contio politico, e a a embação do Senado, tem servido a sua dignidade, e o seu patriotismo bem en- tendido— Ar- raigue-se o imperio das Leys, e já mais el- las serão o oppressivas—A coragem, e a emu- lação, tomarao um lugar dis- tinto, e a sua- ção florecea— separa manter esse estado de cousas a perennem pequenas inquietações diretas como Cicero:—são pequenas perturbantes a com panha da dupla vantagem que produzem a seguranga, e a sa- zação do Estado: os descontentes— com a nova ordem de cousas se accommoda- rão—e tudo será feito no sistema concilia- do— Nada é inteiramente perfeito.

A politica da concordia é idea dos ho- mens, áde necessariamente ser a compa- nhada de algumas faltas, e de feitos; e com isto é a mais o proxima possivel da poli- tica do Evangelho; auidé a vosso proxi- mo como a vos mesmo—Este principio que é a base do christianismo, e da moral, de- ve ser tem bem a da politica, e por con- sequencia insustentavel o antigo sistema do- et clusivo, e da reacção. O menor mal é o mesmo maior bem— Este axioma só po- de prevalecer com a politica da concórdia.

A politica pois da conciliação se resu- me no seguinte:— Anehecimento dos odios passados—União, e uniformidade de pen- samentos nos esforços para os milhoramen- tos moraes, e matierias do paiz— Respeito aos as Leys, e boa escola nas pessõas que es- devem executar. Moderacão no poder el- litoral— Preferencia do bem publico, so- particular— Disvelo na educação, e instru- ção da mocidade— liberdade de imprensa, de consciencia e de commercio, que firmo a agação dos povos, e dos homens, e au- mento a moralidade do governo.

Protecção a agricultura como base da riqueza—Impedimento sem reaçção para não desanimar o patriotismo, e o trabalho— Jus- tica com igualdade, e fervore dentro dos limites do justo, e do honesto; mais como equidade de que como meio de adequerr partido.

Concl' tremos com as palavras de um nome como o parano da Bahia, a idea da conciliação, a causar enoço, e de facto, o mundo por estreteceu, mas abraçou essa idea. A politica com os titulos dos par- tidos, convence os brasileiros não se chanem mais a lutas, nem Lozias, que recebem o mundo da pa do progresso; chamémos-nos a se tenhamos por fim—um só por da Patria.

Por que com mais pompa, por q' mais brilhazo  
A fella seiguera, que as arevas desiaz?  
E esse, que a seguiu se herbo gigante,  
Por que mais leucite no thar se faz?

E a brica fogueira por que mais mimosa,  
Suspira no onda, no ramo, na flor?  
E a flor neste dia por que mais vaidosa  
As galas não despe não soffre pallor?

Por que novos hymnos volateis cantores  
Nos ares difundem nas asas librados?  
Por que ravellozem, requintão primoros,  
Outeiros, e vales, a bosques, e pradós?

Do grão Paraíba porque s'as tu recorde  
Da longa distancia, que vai pe' correr,  
As aguas fecundas i umovais rotendo  
Exhausto fies com mago prazer?

O que neste va to patz do Cruzeiro  
Festejo as tuas de peitos brios?  
As almas s'enflama! Qual he o thesouro  
A quem se dedicão cultos fervorosos?

Hé dons de Dezembro! Um nome resoa  
Que tanta magia na Patria gozo.  
Nos climas remotos a fama, q' troa,  
Este nome—Pedro!—já chiaro tornou.

Se Roma potente n'um tempo ja vio  
Titos, Antonijos, Aurelios, Trajanos,  
S'a elles outr'ora padões reergiu,  
Qu' os povos esquecem, consuem os az nos.

Do Tito Brasilé mais nobres pallões,  
Por évos eternos milhor ergu'tenos.  
O nome de Pedro s' bre os coraçõs  
Do vasto universo nos fins levaremos.

Por Miguel Carvalho C. Branco.

### SONETO.

Salve oh! dia immortal a venturozo,  
Aluzir qual agora radiante,  
No horizonte surges tam brilhante  
Oh! 2 de Dezembro protizeoz!

Este dia festivo, magestoz,  
O' o Brazil e ternis tam constante,  
Tem primores que dixem vasculante  
O Povo Brasileiro assas ditoz!

Trasenteiro se exalta todo o mundo  
Com a lembrança de tam excelto dia  
Natalicio de D. Pedro segundo!

Festejamos tambem com ufania  
Este dia de gloria tam fecundo  
E saudamos em fim o Monarchia!

Por Candido Caya Pessanka Junior.

### THEATRO.

O espectáculo que estava destinado pa- ra o dia 2 fica transferido para o dia 3 em- con sequencia de haver festejo em Palacio, sendo a ordem do espectáculo a mesma que estava destinada os bilhetes estão para des- tribuir em mão do Director.  
Gil Bras de Mattos

### Atenção

#### A OS SRS. ASSIGNANTES.

Com este supllimento, e dos que ja demõs anteriormente, Endou o primeiro m- nistro.

#### Anuncio.

Tendo se de erigir na praça da Matriz desta cidade uma pyramide monumental em honra da memoria do Exm. Sr. Conselheiro Jose Antonio Saraiva, que tão felis, e com vantajosamente realisou a edificacão desta capital durante o seu patriotico e illustrado go- verno, invocao hoje os seus mais dedicados amigos e outrora governados a grãd' e ge- nerosos sentimentos dos habitans da The- resina, para que se diguem concenrar volun- tariamente com as quantias que permittirem suas forças, nunca menos de mil reis, a fim de na realizacão da empresa todos terem sua parte gloriosa e retributivo; sendo que para isso se achão abertas subscricoes ou assigna- turas nas cazas dos Srs. Dr. Simplicio de Sousa Mendes, Inspector Fernando da Costa Freire, e Major Miguel Ferreira Cabral, mem- bros da commissão Directora da obra, e seu respectivo custo.

Theresina Typ.—INDEPENDENTE—Impressõ por Joaquim Pereira Goya Possanha.

Nº

The

O dia 1  
ta Cidade  
mo, com os  
de dispon  
trier con por  
particulares.  
Bouve pa  
iluminação e  
quel o Sr.  
Empreza  
sue e da primeira man,  
de mais os peridos. Cau  
elle con corrido mais de seenta

emclusivo algumas memórias que dançava  
renido bem, e certo a sincerita hovens,  
pelo menos—O palacio estava tescentimente  
preparado. Por motivo do em nossa saúde a  
penas nos demoramos em palacio ate as  
hoze ota, perem fomos informndo que  
o baile durou ate as tres horas da manhã,  
e que os convidados subirão satisfelios do  
acudimento que receberam.

As senhoras estavam preparadas em  
tudo o gosto, ou para exprimir-se melhor  
com o maior luxo que permittio huma Ci-  
dade central.

Estão marcado o mesmo dia para a  
vêr Th. que ficou transferido para o  
dia 4 por ter avião obale.

—A os Senhores assignantes—  
O fundador suspende a sua publica-  
ção durante as ferias, não só p. f. que ne-  
cessario os seus redactores tratar de arran-  
jos para melhoramentos de typographia,  
perem atrespido de colrangers e as igua-  
tas, eaminto das mesmas para correspon-  
der as normas descrezas que selesam com  
oicial: e pois esperamos com ou poio dos  
nossos compromettidos vencer estas difficul-  
dades paraque continue a ser publicado de  
Tereviro proximo em diante.

A nossa G. Nacional que era inteira-  
mente hisonha ja deu a guarrição da Ci-  
dade no dia 2 de Dezembro, e inda cou-  
correu par aporado um n.º de mais de se-  
enta pracas fardadas, posto que não oovo  
armamento para todos.

O Reverendo P. Antonio foi nomeado  
leante no Lyceu da lingua portugueza.

Carro que está contractado com a Com-  
panhia Pernambuco, da navegação a  
por focarem estes na Cidade da parna-  
hiba em suas viagens ao norte, devida e  
volta, e que ja o um bom ensaio.

O Sr. Dr. Candido Gil Castello-bran-  
co, voltou da Corte, e resumindo o seu  
luz do Luis Municipal, passou afuncio-

gando ao seu  
sebre este assumpto

Estamos na Ci-  
Rio Pernambuco, pela  
no. Serbenos que  
vinea—pretendia tr  
sas localidades d

na pnuicas, visto  
ticulars nesse sentio  
olentos: Serbenos q  
mento tenha esbr  
continuação da p  
póssio aparecer co  
he lugavel que a  
deve occupar at p  
verno—Ocell não  
mas difficuldades q  
paracos não sabia

A falta de tr  
sua população en  
pobreza vé se oba  
que precisa, e ma  
do que o corte e  
obter liccar mesti

Estas memamas  
neira, nosplex el  
Não consta q  
procurdo reclam  
das promptas para  
Os Commerciaates  
riamente, mas nã  
sentão, não chiegi  
pelos meios lega  
todos geralrente a  
mo se a Presidenci  
respeito medidas c

Parece-mos q  
veio reclamar-se  
Imperi e para me  
sar por todos os  
cambio, e outr s  
sorte para a qui  
mudas por via  
saque das Thesou

Os comuercei  
sar maõ deste t  
inda quando le  
porcentagem que

não  
lles a  
a de  
mesmo  
com  
a bra-  
reimas  
me no  
reliado-  
ulares e  
mento—

no minis-  
ario da me-  
nossa a-  
la trabalha  
rectivo o pro-

Olinda, e Souza  
as dos partidos;  
injustiça aos seus  
injuria aos seus

orde para as quaes  
como as outras  
ram má vontade—  
que geram por  
alicia da oppressão,  
pela administração  
parte, dissemos nós,

apartados, têm confiado no go-

actual.

Já algumas destas provincias graças ao  
sabio, e prudente governo dos seus admi-  
nistradores vão se erguendo e tomando a  
atitude que lhes é propria, e da qual as tin-  
ha precipitado a politica de exclusão, e os  
srs. Olinda e Souza Franco que são filhos do  
norte, certamente terão conhecido que esta  
parte do Império tem sido desgraçadamen-  
te esquecida pelos governos transaccos, e  
vão por acabar com essa bastardia que nos  
degrada, e facilitar nos seus interesses  
sarios ao engrandecimento moral e materi-  
al de seu paiz.

Sim: a conciliação, no nosso entender,  
não se restringe só aos homens — não é so-  
mente a harmonia dos paizes, ella esten-  
de-se tambem ás provincias — e a corte do  
imperio que desenhava ou fingia ignorar  
as necessidades das suas rimas do norte se-  
rá justa em concessões de privilegios, e abri-  
vará igualmente a bem, por todo imperio

Esperamos.

L. W.

(Da Officina da Bahia.)

**FALLA**

COM QUE  
**SUA MAJESTADE  
O IMPERADOR**

ENCERROU A PRIMEIRA SESSÃO  
DA DÉCIMA LEGISLATURA

DA  
ASSEMBLEA GERAL LEGISLATIVA  
NOTA DO SEPTEMBRO DE 1857.

**AUGUSTOS E DIGNÍSSIMOS SENHORES  
REPRESENTANTES DA NAÇÃO.**

Ao Encerrar os trabalhos da presente  
Sessão Legislativa, Congratulo-Me com vos-  
co pela paz e tranquillidade que felicimen-  
te reina em todo o Imperio. Este assigna-  
do beneficio, Nós o devemos á sabedoria  
de nossas instituições politicas, e ao bom  
juizo do povo Brasileiro.

Os progressos da industria, e o desen-

que não se trata de uma  
cia politica, de que em fim  
é uma palavra mentida.  
dirá que estamos n'uma  
idades, ninguem dirá que  
politico si annula, nin-  
stamos no mesmo circui-  
estas impressões de  
te ha a reverter se depois  
novo gabinete? Por ven-  
e crer na conciliação, e  
ordo com o governo que  
quer porque a julga capaz  
insolúvel abismo a que  
por ventura os nomes que

que temos feito, diste-  
da agora renovamos, e pe-  
Eleitores, lembrando-lhe  
n sabio excripto: N' res-  
o um poder de fixar as-  
das quaes quer ser go-  
omo opovo em massa não  
r por si mesmo, vio-se  
elegar o exercicio de seus  
a nação sendo Synoni-  
ue no nosso sistema de re-  
nação delega seus poder-  
e estes não podem emboa  
propria dignidade ir a-  
ne receberão — Opovo su-  
ores não receberão — seu  
s'faser caprixos, e vingam-  
particular de hum indi-  
a facção em prejuizo do-  
ção pois aque se vai pro-  
ir de si trdas essas intri-  
manejas exclusivismo em-

A nossa Provincia precisa  
uma boa escolha A assem-  
e faser muito bem e muito  
firmos q' opovo, e se  
volar em Deputados honra-  
derados, independentes, e  
deiros ent-reses pelo bem  
onseguentemente capazes  
us ent-reses e os seus ca-  
causa publica — Avos srs.  
oseguinte:  
nociencia, Deos ea Patria!